Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 6 - Deus é amor

João 15 e I João 4.

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Pela graça de Deus, podemos mais uma vez estar juntos nesta série de reflexões bíblicas no tema A Doutrina de Deus. Compete-nos hoje considerar a característica divina de Amor.

Os atributos divinos que até hoje consideramos nesta nossa seqüência nos apresentaram a grandeza, a majestade e a ilimitação de Deus. Começamos agora a nos centrar nas características de Deus que estão diretamente relacionadas com o ser humano. Passamos a verificar os atributos que caracterizam um Deus pessoal, nos mostrando um Deus que interage com o ser humano e que tem interesse em cada um de nós, individualmente, se preocupando com a nossa condição e com a nossa situação. Temos que atentar bem para esta diferença entre o Deus poderoso e o Deus pessoal. Temos que entender que Deus é ambas as coisas. Muitas correntes de pensamento aceitam facilmente o Deus poderoso, o grande criador do universo, o onipotente, o eterno. No entanto, não aceitam o Deus pessoal que se preocupa com cada ser humano individualmente. Estas correntes teológicas são chamadas de Deístas, e nós não podemos nos conformar com a meia-verdade por elas defendida. Deus é poder. Deus é criador, mas Deus é também amor, salvador, consolador, perdoador e todas as demais características de um Deus pessoal que interage conosco. O nosso desafio é conseguirmos entender Deus na sua completitude. Entender que os seus atributos não são estanques, como roupas

que podem ser trocadas, vestindo-se cada uma de uma vez. Não. Todas as características e os atributos de Deus estão juntos e são simultâneos. O Deus que é amor é também, e ao mesmo tempo Justo, e, portanto, julgador. O Deus que é paciente é o mesmo Deus que se ira.

Passemos pois a considerar a respeito de Deus é amor. O Novo Testamento apresenta três declarações explícitas a respeito do que Deus é: Deus é Espírito (Jo. 4.24); Deus é luz (IJo 1.5); e Deus é amor (IJo.4.8 e 16).

Podemos entender o amor apenas no contexto do relacionamento de dois seres: aquele que ama e aquele que é amado. O amor é o sentimento que o amante tem de desejar o bem estar do amado e dedicar-se inteiramente a ele. Como ser perfeito, o amor de Deus pelo ser humano é completo e sem restrições. O amor não é apenas um atributo divino. Deus é o próprio amor, e a compreensão do verdadeiro amor depende de compreender Deus e ser objeto do Seu amor. Vemos isto no texto de I Jo 4.16-21:

“E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no Dia do Juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo ele é, também nós somos neste mundo. No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor. Nós amamos

porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão.”

Ussamos mais uma vez da exposição de Richard Strauss para apreciarmos sete características do amor de Deus:

O amor de Deus é auto-entrega. Amor envolve ação, implica em dar-se em benefício de outro. Tiago 1.17 diz:

“Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.”

O amor de Deus é sacrificial. Deus entregou o seu único e amado filho por nós, para nossa salvação, como Paulo declara em Romanos 5.8: *“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.”*

O amor de Deus é incondicional. O amor de Deus se concretizou a nosso favor quando nada tínhamos feito para merecê-lo. O amor humano é interesseiro, de retribuição. Amamos quando somos amados, ou ao menos quando esperamos ser imediatamente amados. Mas o amor de Deus se manifestou em nosso favor quando ainda éramos inimigos de Deus (Rm.5.10).

O amor de Deus é eterno. Não teve início nem terá fim.

“De longe se me deixou ver o Senhor, dizendo: Com amor eterno eu te amei; por isso, com benignidade te atraí.” (Jr.31:3)

Além de sem início ou fim, a eternidade do amor de Deus significa que nada pode nos afastar dele:

“nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-

nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Rm. 8:39)

O amor de Deus é santo. A generosidade e a grandeza do amor de Deus não significam que Ele é complacente, tão somente dando-nos tudo que desejamos e precisamos. Não. Deus é também santo, e na Sua santidade, Ele deseja que O obedeçamos, cumprindo os seus mandamentos: *“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos,”* (1 Jo. 5:3).

O amor de Deus é confortador. O amor de Deus por nós, provado pela morte de Cristo no calvário, nos livrou de toda a punição pelos nossos pecados. Não devemos ter mais temor, como já vimos no ensino de 1 João.

O amor de Deus é transformador de vida. Entendermos, percebermos e usufruirmos do amor de Deus por nós na sua totalidade, deve criar em nós uma nova perspectiva de vida. Uma nova dimensão de amor. Ele nos amou primeiro, e o seu amor por nós deve levar-nos a praticar o mesmo amor que Deus nos dispensa.

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor..” (1 Jo. 4:7-8).

E assim chegamos ao final de mais um encontro. Prossigamos em conhecer ao nosso Deus, nos lembrando de mais uma advertência do profeta Oséias:

“Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos.” (Os.6:6)